

# OS SÍTIOS FUNERÁRIOS PRÉ-HISTÓRICOS E AS PRÁTICAS DE ENTERRAMENTO NO VALE DO RIO PELotas

Ana Lucia Herberts (Scientia Consultoria Científica)  
Letícia Morgana Müller (Scientia Consultoria Científica)

## Introdução

O estudo de sítios funerários pré-históricos no Vale do Rio Pelotas foi realizado no contexto dos projetos “Levantamento Arqueológico na Área de Inundação e Salvamento Arqueológico no Canteiro de Obras da UHE Barra Grande, SC/RS” e “Levantamento Arqueológico na Área Diretamente Afetada da UHE Pai Querê, Rio Pelotas, SC/RS”, desenvolvidos pela Scientia Ambiental entre 2001 e 2004. Estes projetos propiciaram o estudo de contextos arqueológicos funerários com restos humanos de populações pré-históricas dispostos em dois tipos de sítios arqueológicos: estruturas anelares e cavernas.

As estruturas anelares, conforme descrição de Rohr (1971, p. 19), “situam-se, invariavelmente, no topo dos morros, parcialmente nivelados e com a característica coroa de terra na periferia, delimitando a área. Em sua maioria situa-se em campo aberto, revestido de vegetação herbácea e arbustiva. A coroa de terra, que delimita os terreiros, oscila de vinte a oitenta metros de diâmetro e quinze a cinqüenta centímetros de altura”. Esta “coroa de terra” pode ter forma circular, oval ou complexa, e possuir em seu interior um ou mais aterros (“montículos de terra”), ou ainda nenhum. Dentre os sítios arqueológicos desta natureza foram investigados os sítios “Isaltino Freski” (SC-AG-95), “João Roque Vingla VII” (SC-AG-98), “Silvio Fernandes I” (SC-AG-99) e “João Roque Vingla VIII” (SC-AG-100), todos situados no município de Anita Garibaldi, Santa Catarina.

As cavernas ou grutas se caracterizam por possuírem profundidade maior que a abertura. Nas cavernas e grutas, assim como em abrigos sob rocha podem ocorrer vários tipos de sítios arqueológicos com funções distintas. Relativo a sítios funerários em caverna foi estudado o sítio “Perau dos Cabritos” (SC-PQ-35), situado em Lajes, Santa Catarina.

A forma de enterrar os mortos e toda a simbologia dada ao ritual podem variar de grupo para grupo ao longo do tempo. Assim, procurou-se compreender como foram enterrados estes indivíduos, a partir de dois eixos: as estruturas de enterramento, entendidas como os sítios arqueológicos e as práticas funerárias das populações pré-históricas nesta área.

## O que os sítios arqueológicos pesquisados no vale do Rio Pelotas nos informam?

Os cemitérios têm a função de guardar o que já foi vivo e de eternizar momentos que não querem ser esquecidos. Dessa forma, cada sociedade utiliza rituais e objetos para concluir a trajetória dos seus mortos.

Assim, é através dos sítios arqueológicos funerários, das estruturas de enterramento e dos vestígios dos sepultamentos que se pode compreender as práticas funerárias e nos aproximarmos dos rituais *post mortem* das populações pré-históricas que habitaram o planalto catarinense. Os sítios arqueológicos representam o único registro material de suas práticas funerárias e contêm em seu pacote aquilo que sobreviveu ao tempo.

O sítio arqueológico “Perau dos Cabritos” (SC-PQ-35) localiza-se em Lajes, na Fazenda Santa Vitória, em vale afluente do Rio Pelotas. Caracteriza-se por ser uma caverna, com boa orientação solar, seca e de acesso relativamente fácil. A caverna possui 21 m de comprimento na boca e 10 m de profundidade e altura máxima de 1,90 m. Possui uma queda d’água na frente e abertura voltada para o norte. Devido a sua grande abertura, há penetração de luz, sendo assim bastante iluminada e salubre.

Nos fundos da caverna, em pequenos nichos (fendas existentes em seu interior) e de difícil alcance foram localizados ossos humanos, que estavam dispostos em superfície, não articulados e aparentemente sem acompanhamento funerário. Alguns ossos encontravam-se fragmentados e/ou roído por animais. Procedeu-se apenas a coleta de alguns exemplares como amostra a fim de comprovar tratar-se de remanescentes humanos e do material que se encontrava em risco, exposto em superfície. No entanto, salienta-se que o sítio não foi escavado e nem se procedeu à coleta total dos vestígios arqueológicos, assim como estudos mais aprofundados.

A boa orientação solar da caverna e o seu interior seco contribuíram para a permanência dos resquícios de sepultamento humano pré-histórico ao longo dos anos, porém, não evitou a

ação dos demais fatores degradantes. Esta degradação é constatada pela falta das epífises na maioria dos ossos, salvo alguns que apresentam uma pequena porção ou a epífise distal inteira; somada a significativas marcas antigas de roedores.

No contexto do projeto de resgate arqueológico da UHE Barra Grande, os sítios arqueológicos estudados que eram utilizados e construídos para abrigar enterramentos possuem características totalmente diferentes se comparado ao do “Perau dos Cabritos”. Quatro foram os sítios arqueológicos registrados e estudados compostos de aterros anelares em relevo com a presença de montículos (“montes de terras”) em número de um até quatro.

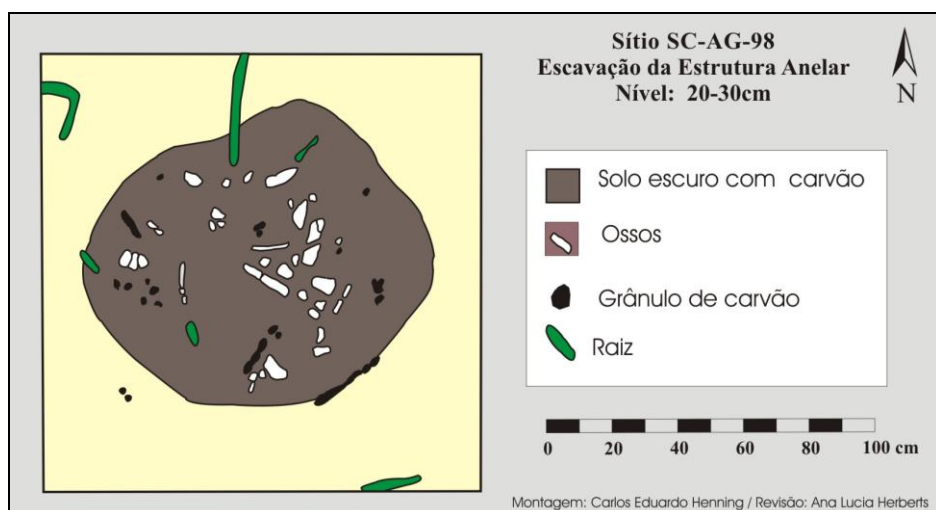
Em um destes, o sítio “João Roque Vingla VII” (SC-AG-98), ocorreu um número maior de intervenções arqueológicas; enquanto que nos demais, as atividades restringiram-se ao cadastro e a avaliação dos mesmos, através da escavação de poços teste de 1m<sup>2</sup> para se investigar o conteúdo arqueológico e o perfil estratigráfico destes sítios.

O sítio SC-AG-98 trata-se de uma estrutura de aterro com forma circular, com um montículo no centro. Localiza-se em topo de colina coberto com capoeirão. Neste, através da realização de diversas intervenções arqueológicas (sondagens, trincheiras e escavação do montículo) constataram-se evidências de duas estruturas de combustão funerárias.

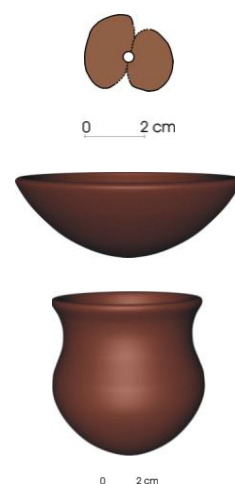
No nível 20-30 cm, foi evidenciada uma mancha escura com carvão, e dentro desta, fragmentos de ossos humanos, alguns longos e outros chatos. Estes correspondiam provavelmente a partes da calota craniana, mas sem articulação original. A fogueira possuía 80 cm de diâmetro (fig.1). O estado de conservação era muito ruim e alguns ossos se esfarelavam ao serem tocados. Havia também duas vasilhas de pequenas dimensões praticamente completas e um tortual de fuso cerâmico (fig. 2), tratando-se provavelmente de acompanhamento funerário.

À medida que foi sendo aprofundada a escavação, ficou evidente tratar-se de uma estrutura de combustão funerária. Os ossos se concentraram sob uma fogueira com espessura de 20 cm e a uma profundidade máxima de 40 cm. Cabe ressaltar que os ossos não estavam articulados e nem inteiros. Não havia uma disposição, assemelhava-se a um “amontoado de restos de ossos carbonizados”.

A segunda fogueira, no nível 50-60 cm possuía uma forma ovalada alongada, com dimensões máximas de 1,5 m e 0,5 m. Puderam-se identificar pequenas concentrações de ossos “esfarelados”, completamente desagregados e se desmanchando. Observou-se uma argila solidificada pelo calor da fogueira e a área com o solo arenoso de cor amarela. A quantidade de carvão era grande e com porções maiores. Havia carvões grandes em que era possível verificar tratar-se de troncos de madeira carbonizados, alguns com mais de 10 cm de diâmetro, e nós de pinho.



**Figura 1:** Detalhe da planta baixa da estrutura funerária I escavada, nível 20-30 cm, sítio “João Roque Vingla VII” (SC-AG-98).



**Figura 2:** Vasilhames e tortual de fuso.

No nível 60-70 cm, a fogueira diminuiu, restando uma área de 40 x 50 cm à 65 cm de profundidade. Ainda eram localizados vestígios de ossos, muitas vezes somente identificados como “manchas brancas”. À medida que se retirava o carvão, aparecia o solo amarelado “farelento”, contornando a fogueira. A 70 cm de profundidade, a fogueira desapareceu

completamente. Não foram encontrados fragmentos cerâmicos associados a esta estrutura funerária, somente dois líticos, nesta segunda estrutura de combustão.

A amostra de carvão coletada na segunda fogueira, a mais profunda, foi enviada para a datação ao Laboratório Beta Analytic Inc. (EUA), que resultaram em 560+/- 50 BP e calibrados em 1300 a 1440 AD (Cal BP 650 to 510).

Além deste sítio, outros três com as mesmas características foram encontrados, nos quais as atividades arqueológicas foram restritas, restringindo-se a escavação de poços teste com o intuito, primeiro, de confirmar tratarem-se de sítios arqueológicos, e, segundo, propiciarem uma idéia do pacote arqueológico. No entanto estes sítios não apresentaram evidências de ossos humanos em tais intervenções.

### **DISCUSSÃO DOS DADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apresentaram-se as duas formas funerárias praticadas pelos grupos indígenas que habitaram o planalto catarinense, em períodos anteriores ao contato com os europeus. Apesar dos dois tipos de sítios funerários abordados neste trabalho estarem localizados em áreas geográficas muito próximas, ao longo do vale do rio Pelotas, estes apresentam grandes diferenças quanto às práticas de enterramento e às estruturas funerárias construídas ou utilizadas.

O material cerâmico evidenciado nos sítios de estruturas anelares permite relacioná-la à tradição cultural a que pertencem, e assim identificar o grupo responsável pelos enterramentos, podendo seguramente ser atribuídos à Tradição Taquara, nome dado à cerâmica pré-colonial dos grupos Gês do sul brasileiro. A eles também estão associados os sítios de casas subterrâneas.

Estes sítios são caracterizados pelo enterramento ocorrer de forma secundária, com certeza no que se refere à primeira estrutura funerária escavada no sítio SC-AG-98. Através das evidências da escavação e principalmente pela quantidade e de fragmentos ósseos, acredita-se que a primeira etapa funerária ocorreu em uma fogueira fora do montículo, sendo depois juntado os remanescentes e enterrados dentro da estrutura. Esta, por sua vez foi construída para este fim, diferente da registrada na caverna funerária.

A primeira consideração apontada nesta pesquisa seria que os enterros em abrigos e os nos montículos pertencem a grupos culturais distintos. Para tanto, considerou-se a ausência de cerâmica nos enterramentos em abrigos, podendo estar relacionado com a antiguidade do sítio, pertencendo a uma cultura pré-ceramista de caçadores-coletores.

A segunda seria que estas duas formas de enterramentos pertencem a mesma tradição cultural, mas ocorridos em períodos distintos. Assim considera-se que as práticas funerárias são elementos culturais, e, como tal, não são estáveis e nem fixas. A cultura é dinâmica, sofre influências e adaptações. Portanto, se estes enterramentos são mais antigos, poderiam ser uma primeira prática que se modificou para as práticas identificadas nas estruturas anelares.

Dessa forma, o que pode ser indicativo de os dois tipos de sítios funerários pertencerem a grupos culturais distintos temporalmente ou culturalmente, pode estar relacionado ao mesmo grupo cultural. Portanto, não se descarta a hipóteses de ambos os sítios estarem relacionados aos grupos Gês no planalto sul brasileiro situados em períodos cronológicos não contemporâneos. Como as pesquisas arqueológicas neste tipo de sítio arqueológico carecem de datações, tornam-se difícil aventar dados mais seguros para tal hipótese.

### **Referências Bibliográficas**

- CALDARELLI, S. B. (Coord.). Projeto de Levantamento Arqueológico na Área de Inundação e Salvamento Arqueológico no Canteiro de Obras da UHE Barra Grande, SC/RS. **Relatório Final 1: Salvamento Arqueológico no Canteiro de Obras, Margem Direita e Esquerda do Rio Pelotas: Resultado dos Trabalhos de Campo**. Florianópolis: Scientia Ambiental, 2002.
- \_\_\_\_\_. Projeto de Levantamento Arqueológico na Área de Inundação e Salvamento Arqueológico no Canteiro de Obras da UHE Barra Grande, SC/RS. **Relatório Final 2: Salvamento Arqueológico no Canteiro de Obras, Margem Direita e Esquerda do Rio Pelotas: Resultado dos Trabalhos Laboratoriais**. Florianópolis: Scientia Ambiental, 2003a.
- \_\_\_\_\_. Projeto de Levantamento Arqueológico na Área Diretamente Afetada da UHE Pai Querê, SC/RS. **Relatório Final 2: Levantamento Arqueológico na Margem Direita do Rio Pelotas**. Florianópolis: Scientia Ambiental, 2004.
- ROHR, J. A. Os sítios arqueológicos do planalto Catarinense, Brasil. **Pesquisas**. Antropologia. N° 24, 1971, p. 1-56.